

## TEODORA, SIMPATÍA E SHERAZADE: APONTAMENTOS SOBRE A TRANSGRESSÃO FEMININA

Jodie Elly Silva Gomes (URCA)<sup>1</sup>  
Edson Soares Martins (URCA)<sup>2</sup>

*Ser forte não significa desenvolver os músculos e exercitá-los. Significa, sim, encontrar nossa própria numinosidade sem fugir, convivendo ativamente com a natureza selvagem ao nosso próprio modo. Significa ser capaz de aprender, e ser capaz de aguentar o que sabemos. Significa manter-se firme e viver.*  
(Clarissa Pinkola Estés)

**RESUMO:** O presente estudo tem o objetivo de apresentar alguns apontamentos sobre o ser feminino transgressor em personagens do folheto *História da Donzela Teodora* e da obra *As mil e uma noites*. Para analisarmos os aspectos transgressivos, selecionamos as personagens Teodora, Sherazade e Simpatía. Inicialmente, tecemos alguns comentários sobre a transgressividade feminina e seus possíveis desdobramentos, além de analisarmos trechos das obras que denotam o aspecto transgressivo das personagens, para isso contaremos com a ajuda das teóricas Faria (1997), Butler (2011) e Beauvoir (1960). Compreendemos que Teodora, Sherazade e Simpatía são representadas como mulheres sábias, cuja natureza é selvagem e esse seria um indicativo do aspecto transgressor nas personagens, que são protagonistas de sua própria história. Ainda assim, constatamos que elas apresentam, ao mesmo tempo, aspectos transgressivos e submissos, entrelaçando o espírito livre e rebelde de Inanna/Ishtar ou Lilith e o espírito tradicional e submisso de Eva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transgressão feminina. Submissão. Donzela Teodora. Sherazade. *La docta Simpatía*.

**ABSTRACT:** The present study aims to present some notes on the transgressor feminine being in the characters of folheto *História da Donzela Teodora* and of the book *The Thousand and One Nights*. To analyze the transgressive aspects, we selected the characters Teodora, Sherazade and Simpatía. Initially, we will make some comments about female transgressiveness and its possible developments, besides analyzing excerpts from the works that denote the transgressive aspect of the characters, for this we will count on the help of theorists Faria (1997), Butler (2011) and Beauvoir (1960). We understand that Teodora, Sherazade and Simpatía are represented as wise women, whose nature is wild and this would be an indication of the transgressive aspect in the characters, who are protagonists of their own story. Even so, we find that they present, at the same time, transgressive and submissive aspects, intertwining the free and rebellious spirit of Inanna/Ishtar or Lilith and the traditional and submissive spirit of Eve.

<sup>1</sup> É bacharela em Direito pelo Centro Universitário Paraíso - UniFAP (2018), pós-graduada em Direito e Processo Tributário - URCA (2021), graduada em Letras, com habilitação em Língua Inglesa - URCA (2021), mestranda em Letras pelo PPGL-URCA, com pesquisa financiada pela CAPES e membro do Núcleo de Estudos de Teoria Linguística e Literária (NETLLI) - Bakhtinística responsiva da Universidade Regional do Cariri - URCA.

<sup>2</sup> Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa – URCA, Líder do Núcleo de Estudos de Teoria Linguística e Literária - NETLLI/DGP-CNPq Editor-Chefe de Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli. E-mail: edson.soares@urca.br

**KEYWORDS:** Female transgression. Submission. Donzela Teodora. Sherazade. *La docta Simpatía*.

## INTRODUÇÃO

A transgressividade na construção de personagens é uma questão que merece atenção, ainda mais quando temos uma personagem feminina figurando nesse papel. Pessoas tidas como transgressivas, que foram, por muito tempo, julgadas como a escória da sociedade, hoje podem ser vistas de outra forma, de outro lugar, pois houve uma ressignificação do termo. A transgressividade do ser habitualmente é percebida naqueles sujeitos, independentemente de seu gênero, cuja existência e modos de assumir a personalidade destoam do que a parcela hegemônica da sociedade dita como correto. Acontece que ele sequer sabe que está transgredindo antes de ser acusado de tal transgressão e, para Judith Butler (2011, p. 81-82), esse tipo de reprimenda não se limita a suprimir ou controlar o sujeito, mas acaba por ser parte essencial na formação jurídica e social dele. Neste estudo, utilizaremos a transgressão no processo de investigação das personagens femininas elencadas: Teodora, Sherazade e Simpatía.

É importante, portanto, fazer alguns apontamentos acerca das histórias de tais personagens. A *História da Donzela Teodora*, publicada em formato de folheto por Leandro Gomes de Barros (19--), traz a narrativa de uma mulher bela, sábia e escrava, e provavelmente foi inspirada na *História da Donzella Theodora em que se trata da sua grande fermosura e sabedoria* (1740), traduzida por Carlos Ferreira Lisbonense e que é a história da Donzela Teodora escrita em prosa. A história de Simpatía, por sua vez, está no volume sete do livro *Las mil noches y una noche* (1917, p. 219), tradução espanhola de Blasco Ibáñez, baseada na versão francesa de Joseph Charles Mardrus. Escolhemos a tradução espanhola porque é nela que está a *Historia de la docta Simpatía*, cuja narrativa se assemelha à de Teodora. Simpatía também é uma escrava muito sábia e bela, que salva o seu senhor da miséria com a sua astúcia e inteligência. Essa personagem faz parte de um emaranhado de histórias contadas por Sherazade. Sherazade, por fim, é a protagonista que mobiliza todas as narrativas que compõem o livro *As mil e uma noites*. Essa personagem é caracterizada pelo seu intelecto e conhecimento de grande parte das ciências. Diferente das outras personagens, Sherazade não é apresentada como escrava de forma explícita, mas alguns aspectos nos fizeram refletir sobre essa questão, como, por exemplo, o fato de estar condenada à morte.

Logo, Teodora, Sherazade e Simpatía figuram como protagonistas da própria história e são caracterizadas não só pelas suas qualidades físicas, mas também pelas suas qualidades

intelectuais e por uma condição de desprestígio social. As personagens apresentam qualidades bem específicas, mas em determinados momentos as histórias se cruzam e podemos perceber a sincronia entre as narrativas. Abordaremos, em um primeiro momento, noções sobre a identidade feminina transgressora, desde personagens mitológicos e literários a mulheres reais. Em seguida, faremos uma análise de como as personagens são introduzidas na história e apresentadas ao leitor, além de verificar, mais detalhadamente, aspectos da transgressividade feminina. O objetivo desse estudo é mais provocativo que resolutivo, portanto não pretendemos fechar o debate, mas gerar mais reflexões sobre ele.

## **1 IDENTIDADE FEMININA TRANSGRESSORA NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS**

A deusa Inanna/Ishtar<sup>3</sup> era conhecida como a deusa do sexo e do amor, assim, questões relacionadas às guerras e à fertilidade também possuem uma estreita relação com a imagem da divindade. De acordo com a historiadora Simone Dupla (2012, p. 194), Inanna/Ishtar governava o sexo em três modalidades: a primeira relacionava a prática sexual com a reprodução; a segunda relacionava o sexo ao prazer, sensual ou selvagem, e a terceira ligava a prática sexual ao sagrado, ou seja, como uma forma de encontrar o divino. A deusa também tinha uma estreita conexão com questões políticas, pois muitos reis, da região mesopotâmia, a procuravam com o intuito de assegurarem sua permanência no trono e legitimarem suas guerras de conquista. Apesar disso, era a deusa que escolhia o próximo rei que governaria, que também seria seu companheiro. (DUPLA, 2017, p. 111). No mito *A corte de Inanna e Dumuzi*, presente no livro *Inanna: Queen of Heaven and Earth*, de Diane Wolkstein e Samuel Noah Kramer, podemos perceber o aspecto transgressor da divindade:

*He shaped my loins with his fair hands,  
The Shepherd Dumuzi filled my lap with cream and milk,  
He stroked my pubic hair,  
He watered my womb.  
He laid his hands on my holy vulva,  
He smoothed my black boat with cream,  
He quickened my narrow boat with milk,  
He caressed me on the bed.  
[...]  
In battle I am your leader,  
In combat I am your armor-bearer,  
In the assembly I am your advocate,  
On the campaign I am your inspiration.  
[...]. (WOLKSTEIN; KRAMER, 1983, p. 44-45, grifos nossos).*

---

<sup>3</sup> Optamos por manter o uso dos dois nomes, uma vez que dois idiomas eram utilizados na região mesopotâmia, o sumério e o acádio. Assim, Inanna é um nome sumério e Ishtar é um nome semita. (DUPLA, 2017, p. 110).

O mito, do qual retiramos o diálogo entre Inanna/Ishtar e Dumizi, nos mostra, inicialmente, o lado sensual da deusa, que fala abertamente sobre a relação sexual com seu companheiro. Alguns trechos deixam mais perceptíveis o aspecto transgressivo da divindade no manejo da linguagem, como em “*He stroked my pubic hair*” e em “*He laid his hands on my holy vulva*”. Além do aspecto sexual, visualizamos o aspecto combatente: Inanna/Ishtar se impõe nos campos de batalha e se autodeclara líder do exército. Dessa forma, a personalidade da divindade está visivelmente ligada ao erótico e às batalhas, e a sua identidade se configura com a ideia da subversão feminina: liberta, determinada, guerreira e líder.

Vera Kauss e Roberta Belchior (2013, p. 113) apontam, ainda, outra personagem mitológica que construiu sua identidade através de elementos transgressivos. Trata-se de Lilith, que costuma ser o principal exemplo quando falamos em uma figura mitológica cuja personalidade é considerada subversiva, rebelde, questionadora, determinada e livre. Lilith foi criada por Deus da mesma forma que Adão, de acordo com os estudos de Barbara Koltuv (1997, p. 37) sobre *O Alfabeto de Ben Sirak*. Ela foi, portanto, a sua primeira esposa, mas os dois nunca foram felizes juntos, porque Lilith desejava igualdade e liberdade para se mover, agir, escolher e decidir. Lilith não se contentava com a forma tradicional do casamento, em que o homem controla e toma todas as decisões. (KOLTUV, 1997, p. 40-41). Ela fugia de tudo que a prendia ou que a fazia submissa e, talvez, seja o maior exemplo de transgressão feminina que já se ouviu falar, abrindo as portas para todas as mulheres que não se encaixam no padrão feminino submisso:

Lilith é aquela qualidade pela qual uma mulher se nega a ser aprisionada num relacionamento. Ela não deseja a igualdade e a uniformidade no sentido de identidade ou fusão, mas os mesmos direitos de se mover, mudar e ser ela própria. No princípio, a Lua quis fundir-se com o Sol e nele se aquecer, como nos conta o mito do Zohar, mas Deus ordenou-lhe que descesse, a fim de seguir as pegadas da humanidade, como uma sombra. Em consequência dessa diminuição, a Lua renasceu como Lilith, o flamejante espírito livre. [...]. (KOLTUV, 1997, p. 41).

Assim, mulheres que fogem às regras, que não aceitam estar aprisionadas em um relacionamento, que querem os mesmos direitos de se mover, de existir ou de escolher mudar, são consideradas detentoras da qualidade Lilith. O espírito livre e instintivo de Lilith está nessas mulheres que fogem às regras. Mulheres que possuem tal qualidade são consideradas transgressivas e estão em oposição ao que Eva representa, já que ela foi a companheira perfeita para Adão: a mulher submissa que ocupava bem sua posição na forma tradicional do casamento. Eva seria, portanto, a figura que representa o ser criado para o homem e idealizado pelo homem.

É importante fazer menção a tais figuras mitológicas para que possamos pensar nas identidades femininas construídas ao longo do tempo. Lia Faria (1997, p. 86), em um estudo sobre as identidades femininas nos anos 1960, no Brasil, discorre sobre alguns sinais de ruptura no imaginário da mulher ideal. A autora afirma que é nessa década que mulheres, sozinhas, começaram a abrir contas bancárias, a trabalhar fora, a ocupar cargos no legislativo e a fazer passeatas, ainda que os papéis de esposa e de mãe continuassem liderando como os principais espaços femininos. Esse aspecto transgressivo resiste em mulheres reais, que buscaram a liberdade, o direito de existir e de se mover, dentro de uma sociedade com resquícios de autoritarismo e essencialmente patriarcal, cujo objetivo é manter as mulheres no ambiente familiar, sem acesso ao conhecimento. Se observarmos, por outro lado, a condição da mulher em várias culturas, especialmente aquelas marcadas pelo conservadorismo religioso, podemos perceber que muitas seguem reproduzindo os padrões que lhes foram ensinados e até acreditam que a submissão é uma característica inerente ao ser feminino. Essa crença de que a submissão é uma característica inerente à mulher vem dos ensinamentos religiosos, pois as mulheres são descritas como frágeis, delicadas e vulneráveis ou ardilosas, maliciosas e astutas, de acordo com Tania Garcia (2020, s. p.). Há, portanto, a divisão dos tipos de mulheres, uma é boa e a outra é ruim, não há meio termo. Há apenas aquela que segue e defende as regras de uma sociedade machista e patriarcal e há o ser feminino transgressor.

Diante disso, podemos pensar que a ideia de um ser feminino transgressor pode ser vista sob dois pontos de vista, o político e o sexual. A transgressão feminina política pode ser visualizada quando a mulher decide impor sua vontade sobre a vontade do chefe da família, seja ele pai, irmão, tio ou esposo. Essa transgressão geralmente está ligada às escolhas relacionadas ao futuro profissional da mulher, como o direito de escolher estudar determinada ciência, por exemplo. A transgressão feminina sexual, por sua vez, possui vários desdobramentos. O primeiro, e mais comum deles, está ligado à sexualidade da mulher, ao que lhe fornece prazer. O simples fato de externar seus sentimentos e escolhas ainda é considerado um elemento transgressivo. A escolha por sair da casa dos pais também não é bem-vista pela sociedade, e essa simples preferência é entendida como uma subversão, uma afronta à família e aos bons costumes. Essas divisões do ser feminino transgressor não podem ser vistas separadamente, mas como uma sequência que, ao todo, formam um conjunto.

A sexualidade feminina ainda é alvo de muitas proibições na sociedade brasileira, em razão do conservadorismo e de dogmas religiosos. Ela não costumava ser plenamente vivida por muitas jovens, já que na maioria das famílias e na sociedade havia um mascaramento da sexualidade (FARIA, 1997, p. 138). Muitas mulheres, após conseguirem um trabalho, eram

influenciadas a mantê-lo a todo custo, para que não houvesse espaço para sexo: “O trabalho era quase sempre representado como dissipador de energia e não como um processo de criação.” (FARIA, 1997, p. 138). Dessa forma, percebemos que a mulher, inicialmente, não pode trabalhar, mas quando conquista esse direito, precisa dedicar todo o seu tempo e energia no trabalho, para que não sobre nenhum momento para si e para descobrir seu corpo. A mulher da década de 1960 é submissa, presa ao trabalho e ao lar, não lhe é dado espaço para exprimir seus desejos.

Simone de Beauvoir (2009, p. 449-450) reflete sobre a maldição que pesa sobre a mulher submissa, seja ao pai ou ao esposo, pois não lhe é permitido fazer nada. Diante desse nada, a mulher submissa torna-se incansável na procura do ser através do narcisismo, do amor ou da religião. A mulher torna-se refém de si mesma, entra de cabeça em seus projetos, no seu trabalho, torna-se altamente produtiva e ativa. É nos projetos, por exemplo, que ela se reafirma como sujeito e reconquista sua transcendência, mas seria uma ilusão acreditar que a liberdade estaria no simples exercício de um trabalho.

Assim, a imagem feminina construída pela sociedade, no passado ou no presente, é aquela que a coloca como submissa a algo ou a alguém. Essa mulher é e deve ser sempre amorosa, paciente, trabalhadora e salvadora da família ou do homem. Ditados populares como “é a mulher que faz o homem” corroboram essa afirmação, pois colocam a mulher como fazedora de um homem ou salvadora dele. As qualidades que citamos anteriormente petrificam mulheres em um único modo de ser. Consideramos, portanto, que Teodora, Sherazade e Simpatía compartilham, em certa medida, do espírito livre e instintivo de Inanna/Ishtar ou Lilith, mas também compartilham do espírito subserviente de Eva. As personagens apresentam aspectos transgressivos, mas também são descritas como meigas, suaves, belas e salvadoras dos homens que as escravizaram ou que as colocaram em uma posição que as fizeram crer que somente elas poderiam resolver tal situação. Pretendemos demonstrar os dois aspectos, as duas versões, Inanna/Ishtar, Lilith e Eva, nas personagens Teodora, Sherazade e Simpatía.

## **2 TEODORA, SHERAZADE E SIMPATÍA: “PERSONAGENS QUE SERVEM DE MOLDURA”**

Teodora não é só Teodora. Teodora é a Donzela Teodora. O termo Donzela a coloca na ideia de um ser feminino intocado, importante e que precisa de algum tipo de proteção. Esse ser feminino intocado era uma escrava espanhola, com traços de fidalguia, bela e cristã (BARROS, 19-- , p. 1-2). O mercador húngaro que a comprou proporcionou-lhe uma educação

excelente, de modo que Teodora aprendeu, em pouco tempo, música e filosofia. Posteriormente, mostrou-se autodidata, pois aprendeu, sozinha, metafísica, astrologia, história e anatomia:

[...]  
Andando um dia na praça  
N'uma praça poude ver  
Uma donzela **cristã**  
Ali para se vender,  
O mercador viu aquilo  
Não poude mais se conter

Tinha **feições de fidalga**  
Era uma **hespanhola bela**  
Ele perguntou ao mouro  
Quanto queria por ela  
Entraram então em negocio  
Negociaram a donzela

[...]  
Mandou encinar primeiro  
Musica e filosofia  
Ela sem mestre aprendeu  
Metaphysica e astrologia  
Descrever com destinação  
Historia e anatomia

Ela que já era um ente  
Nascido por excelência  
Como que tivesse vindo  
Das entranhas da ciência

**Tinha por pai o saber**  
**E por mãe a inteligência**

[...]  
(BARROS, 19-- , p. 2, **grifos nossos**).

Nesses trechos podemos perceber um aspecto da transgressão feminina na personagem, pois Teodora é exaltada pela sua sabedoria e é esta característica que a guia durante toda a sua história. Essa transgressão feminina foge ao usual, pois o esperado para um folheto escrito entre 1880 e 1907<sup>4</sup> era que a mulher não fosse representada, na literatura, como detentora de características tão intrínsecas à personalidade, como a inteligência e a sabedoria. É perceptível que também há exaltação quanto às características físicas da personagem, como em “feições de fidalga” e “hespanhola bela”. O retrato de Teodora nos mostra, conseqüentemente, uma mulher enaltecida pela sabedoria e pela beleza. Ainda, a personagem é descrita como uma “donzela cristã” o que nos sugere que o autor buscou equilibrar as características transgressoras com as características idealizadas por uma sociedade patriarcal e machista, em que dogmas religiosos parecem ser um atributo necessário a toda “mulher de bem”.

---

<sup>4</sup> Há incertezas acerca do período de produção e circulação do folheto *História da Donzela Teodora*, escrito por Leandro Gomes de Barros. Após um estudo biográfico do poeta, acreditamos que o folheto tenha sido produzido entre 1880 e 1907.

No folheto *História da Donzela Teodora* (19-- , p. 4), o rico mercador, que perdeu toda a sua fortuna, recorre à sábia donzela para resolver seus problemas financeiros. Nesse momento, percebemos a transferência de uma responsabilidade, normalmente atribuída<sup>5</sup> ao homem, para a sábia e escrava donzela Teodora. A personagem aconselha o mercador a vendê-la para resolver os problemas financeiros, ainda que venha a ser escrava de outro mercador. A personagem Teodora arrisca sua vida em razão do seu mestre e nos mostra como também possui características de uma mulher ideal: submissa, dedicada, forte, mas delicada, entre outros atributos que nos remetem à figura mitológica de Eva. É sobre essa imagem da mulher que Beauvoir reflete: a mulher submissa que procura por uma razão de ser através das mais diversas formas. Teodora busca uma razão de ser fazendo uso de um sentimento de fidelidade e notamos uma característica que é intrínseca à personagem: a servidão.

Embora esses traços de uma identidade submissa sejam bem perceptíveis durante toda a história, outros traços de uma identidade subversiva também são significativos na construção da personagem Teodora:

Abrahão de Trabador  
Veiu argumentar com ela  
E disse logo ao entrar:  
**Previno-te bem**, donzela  
Dizendo dentro de si:  
Eu hoje hei de zombar dela

Então a donzela disse:  
Sr. Mestre, estarei disposta  
De todas as suas perguntas  
O senhor terá resposta  
**Se tem confiança em si**  
**Vamos fazer uma aposta**

Minha aposta é a seguinte:  
– De nós o que for vencido  
Ficará aqui na corte  
**Publicamente despido**  
**Ficando completamente**  
**Como quando foi nascido**

O sábio disse que sim;  
Mandaram o termo lavrar  
E a donzela pediu  
Ao rei para assinar  
Para a parte que perdesse  
Depois não se recusar  
(BARROS, 19-- , p. 2, **grifos nossos**).

---

<sup>5</sup> Sabemos que tal atribuição ao homem também faz parte dos ditames de uma sociedade patriarcal e machista, que idealiza e programa os papéis que homens e mulheres devem exercer na sociedade.



Os versos acima nos mostram uma personagem que não se deixa intimidar por uma colocação que tem o intuito de desestabilizá-la. Teodora não só rebate o comentário do sábio, como o desafia... Não se trata, pois, de um desafio qualquer, a personagem o desafia a ficar “publicamente despido”. Ainda que não tenhamos a data exata da publicação do folheto, estima-se que este tenha aparecido entre 1880 e 1907, justamente um período em que a mulher não tinha voz, nem vez. Logo, não era visto com bons olhos que uma Donzela, bela, com traços de fidalguia, sábia e escrava “provocasse” um sábio dessa forma. Teodora transgredir quando desafia o sábio, transgredir quando não se deixa abalar pela provocação e transgredir quando demonstra que possui tanta confiança em si e em seu saber a ponto de correr o risco de ficar nua na frente de todos que os observam.

Apesar de identificarmos todas essas transgressões, precisamos atentar para o fato de que colocar uma mulher como personagem central de uma narrativa não significa que essa representação simboliza os problemas femininos, o que as mulheres sentem ou como elas desejam ser representadas (FRANZ, 1995, p. 12), porque muitas dessas narrativas são mobilizadas por homens (exatamente o caso da *História da Donzela Teodora*). Esse fator deve ser levado em consideração, uma vez que a transgressão feminina deve ser, preferencialmente, mobilizada e representada por uma mulher, mas, ainda que isso não ocorra, conseguimos vislumbrar aspectos transgressivos em personagens mobilizadas por escritores.

Não há (possibilidade de) indicação de autoria em *As mil e uma noites*, então é incerto tecer comentários sobre quem compilou todos os contos que compõem a história de Sherazade e as histórias contadas por ela. Sherazade não é uma escrava, apesar de discordarmos disso no desenvolvimento desse estudo. Ela é arquitetada como uma mulher sábia, pois “tinha lido livros de compilações, de sabedoria e de medicina; decorara poesias e consultara as crônicas históricas; conhecia tanto os dizeres de toda gente como as palavras dos sábios e dos reis. Conhecedora das coisas, inteligente, sábia e cultivada, tinha lido e entendido.” (LIVRO..., 2006, p. 43). É através dessa sabedoria que Sherazade consegue manter o rei agarrado às suas histórias, de modo que ele sempre fica curioso pela continuidade, pois ela para a contação em momentos cruciais, no que poderíamos chamar de clímax. Sherazade tem o objetivo de sobreviver a uma noite e, assim, ela acaba sobrevivendo a várias noites fazendo uso do seu dom de contar histórias, cujo objetivo central parece ser o de contar para encantar, apesar de também criar narrativas para satisfazer os desejos ou (tentar) curar a loucura de um homem.

Julgamos que a personagem Sherazade é a mais transgressiva de todas, porque ela aparece como a protagonista que tem a habilidade de contar histórias, além de ser apresentada ao leitor como filha do vizir encarregado de matar as moças no dia seguinte após o casamento

com o rei. Percebemos também uma nova transgressão quando Sherazade não obedece ao pai e decide ser a nova esposa do rei, sob a alegação de que é “imperioso”:

[...].

“Também você, minha filha, poderá ser destruída em virtude dos seus péssimos cálculos; por isso, acalme-se, fique quieta e não exponha sua vida à destruição. Estou sendo seu bom conselheiro, e ajo movido por meu afeto por você”. Ela disse: “Papai, é absolutamente imperioso que eu vá até esse sultão e que você me dê em casamento a ele”. Disse o vizir: “Não faça isso”. Ela respondeu: “É absolutamente imperioso fazê-lo”. [...].

[...]. O vizir perguntou enfim: “Então isso é absolutamente imperioso?”. Ela respondeu: “Sim”.

[...]. (LIVRO..., 2006, p. 46-48).

Inferimos, portanto, que Sherazade aparenta ser decidida quanto às suas escolhas e parece ser respeitada por elas, mesmo que o seu pai não concorde com a sua decisão. O fato de a personagem ir contra uma decisão do pai, em uma história em que ele é o encarregado de cessar a vida das esposas do rei, é sinal de uma personagem que não se preocupa tanto com a própria vida. Ela é capaz de arriscar-se para tentar salvar a vida do rei e a de outras mulheres do reino. Essa característica a coloca mais em um lugar de submissão que de transgressão, pois Sherazade acredita que o rei precisa de salvação e somente ela poderá colocá-lo no caminho. Se, por outro lado, pensarmos na não obediência ao pai, podemos descrevê-la, portanto, como transgressiva, já que ela rompe com o sistema patriarcal nessa situação. Sherazade continua, durante toda a narrativa presente em *As mil e uma noites*, rompendo com esse sistema, principalmente quando dá vida a personagens como ela. Tomemos como exemplo a personagem Simpatía, pois comentaremos sobre seus aspectos transgressivos e tradicionais nas linhas que seguem.

Simpatía<sup>6</sup> é uma personagem igualmente concebida como mulher sábia, amorosa e agradável, com o adicional de ser descrita por uma narradora. Simpatía possui traços da mulher ideal e da mulher transgressora, assim como Teodora e Sherazade. A descrição inicial das características físicas de Simpatía é bem mais densa e detalhada que as das outras personagens:

[...].

*Efectivamente, esta esclava se llamaba Simpatía, y em verdad que jamás nombre alguno cuadró mejor á las cualidades de la que lo llevaba. La esclava Simpatía era una adolescente tan derecha como la letra aleph, de estatura proporcionada, y tan esbelta y delicada que podía desafiar al sol á que prolongase em el suelo su sombra; maravillosas eran la belleza y la lozanía de su rostro; todas sus facciones ostentaban con claridad la huella de la bendición e el buen augurio; su boca parecía sellada con*

---

<sup>6</sup> Informamos que há uma história semelhante à da Simpatía na tradução de Jarouche (que inicia na 202ª noite das histórias das mil e uma noites, volume 2), mas as diferenças são consideráveis entre as duas. Assim, optamos por usar a versão de Mardrus (1916) para analisar a personagem Simpatía, e a versão de Jarouche (2006) para analisar a personagem Sherazade.

*el sello de Soleimán, como para guardar preciosamente el tesoro de perlas que encerraba; era sus dientes collares dobles é iguales; las dos granadas de su seno aparecían separadas por el intervalo más encantador, y su ombligo era lo suficiente ancho y profundo para contener una onza de manteca moscada. En cuanto á su grupa monumental, remontaba dignamente la finura de su talle, y dejaba profundamente impreso en divanes y colchones el hueco creado por la importancia de su peso. [...]. (EL..., 1916, p. 222-223, grifos nossos).*

A personagem é apresentada como uma escrava delicada, alta, magra, bela e todas as suas feições transpassavam sensações de bênçãos e bons presságios. A figura de Simpatía se assemelha a de um anjo, sua boca transmitia as preciosidades que sua mente guardava. Além dessas características faciais e intelectuais, a narrativa descreve o formato dos seios e das nádegas de Simpatía, aspecto que não é apontado no folheto da *História da Donzela Teodora*, tampouco em Sherazade<sup>7</sup>. Isso pode ser um indicativo de que a mulher deve ser descrita, a princípio, como uma mulher bela, para que o homem se sinta atraído por ela fisicamente, para só depois sentir-se atraído pela sua beleza intelectual.

Julgamos que esse indicativo tem mais plausibilidade, pois tanto Teodora quanto Simpatía são apresentadas como moças belíssimas e só depois a sua inteligência é demonstrada. Somente Sherazade destoa dessa máxima, pois ela é primeiramente descrita como “[...] inteligente, sábia e cultivada [...]” (LIVRO..., 2006, p. 43). Entendemos, portanto, que essas personagens são reconhecidas por sua grande sabedoria e astúcia, além de exercerem um papel que é geralmente do homem: o de proteger o lar. As personagens Teodora e Simpatía assumem esse papel depois que os chefes de família perdem todos os bens, menos a escrava:

[...]  
O que ele oferecer-lhe  
De muito bom grado aceite  
E veja se ele lhe vende  
Vestidos que me endireite  
Compre a ele todas as joias  
Que uma donzela se enfeite

Se o mouro vender-lhe tudo  
Com que possa me compor  
Vossa mercê vai daqui  
**Verder-me a rei Almançor**  
**E’ esse o unico meio**  
**Que salvará o senhor**  
[...]. (BARROS, 19--., p. 5, grifos nossos).

[...] *Tal era la esclava Simpatía, único tesoro que poseía aún el pródigo Abul-Hassán. Y he aquí que, al percatarse de que su patrimonio habíase disipado irremediamente, Abul-Hassán quedó sumido en un estado de desolación tan*

<sup>7</sup> Sabemos que o caráter sexual da obra *As mil e uma noites* é bem forte, por isso consideramos que tanto esse caráter, quanto a tradução de Mardrus contribuíram para essa descrição da personagem Simpatía. Em contrapartida, no folheto da *Donzela Teodora* e na descrição da própria Sherazade não há menção explícita ao corpo das personagens.

*grande, que le robó el sueño y el apetito; y permaneció tres días y tres noches sin comer, ni beber, ni dormir, alarmando á la esclava Simpatía, que creyó verle morir, y resolvió salvarle á toda costa. [...] bastará que me conduzcas ante nuestro señor el Emir de los Creyentes, Harún Al-Rachid, quinto descendiente de Abbas, e me vendas á él [...]. (EL..., 1916, p. 224, grifos nossos).*

O fato de negociar seu próprio corpo com o objetivo de proteger o lar do seu senhor coloca, sob a mulher, uma responsabilidade que não é incomum, mas que foi, por muito tempo, atribuída ao homem. Consideramos esse aspecto característico da mulher que se sujeita aos ditames de uma sociedade essencialmente patriarcal, que é devota aos deveres do lar, capaz de vender-se para salvar o senhor que perdeu tudo devido aos seus caprichos e má organização das posses da família. Ainda assim, alguns aspectos nos mostraram como as personagens são transgressoras e fogem às regras, mesmo que alguns pormenores da mulher ideal permaneçam. É importante perceber como elas são apresentadas como belas, decididas, independentes e inteligentes, mas também são submissas, presas ao seio familiar e costumam exercer o papel de educadora. Teodora, Sherazade e Simpatía transitam entre o espírito livre e inquieto de Inanna/Ishtar ou Lilith e entre o espírito subserviente e tradicional de Eva.

Na *Historia de La Docta Simpatía* há um diferencial quando a personagem é testada pelos sábios: a jovem primeiro apresenta uma temática e, a partir desse momento, passa a ser interrogada pelo sábio. Simpatía responde a todas as perguntas e encanta os presentes com “*la claridad y precisión de estas respuestas [...]*” (EL..., 1916, p. 230), principalmente o califa que assistia a tudo. Outro aspecto notável é a temática da religião estar presente na maior parte das arguições, logo, também está presente no discurso da jovem:

*[...]. ¿Cuáles son los frutos de la oración? ¿Cuál es su utilidad? La plegaria verdaderamente hermosa no tiene utilidad terrena. ¡Es sólo el lazo espiritual entre la criatura y su Señor! ¡Puede producir diez frutos inmateriales y mucho más hermosos que los tangibles; aclara el corazón, ilumina el semblante, complace al Clementísimo, excita el furor del Maligno, atrae la misericordia, aleja los maleficios, preserva del mal, resguarda contra los atentados de los enemigos, fortalece al espíritu vacilante y acerca el esclavo á su dueño! [...]. (EL..., 1916a, p. 231-232, grifos nossos).*

*[...]. Él preguntó: ¿Qué valle alumbró el sol una vez únicamente y jamás volverá á alumbrarle hasta el día de la Resurrección? Ella contestó: ¡El valle formado por la vara de Moisés al hendir el mar para hacer paso á su pueblo fugitivo! [...]. (EL..., 1916b, p. 21, grifos nossos).*

O enfoque na religião está presente nessa narrativa, assim como na *História da Donzela Teodora*. Simpatía foi testada pelos seus conhecimentos religiosos do início ao fim, o que nos remete, novamente, à ideia de que a religião deve ser um atributo inerente a maioria das mulheres (e, como já afirmamos, a ideia da submissão surge dos ensinamentos religiosos). A jovem responde, sabiamente, a todos os questionamentos e quando os sábios não tinham mais

o que perguntar, ela lançava uma pergunta que somente ela conhecia a resposta, com o intuito de provar a sua sabedoria e inteligência. Identificamos uma personagem que, apesar de ser representada como uma mulher ideal, é transgressora, porque não só tem conhecimentos sobre inúmeras ciências, mas também teve a liberdade de provocar os sábios com suas perguntas indecifráveis, sem que sofresse represálias por isso.

Sherazade, diferente de Teodora e Simpatía, não é descrita como uma sábia escrava, mas como filha de um importante servo do rei, aquele que é encarregado de assassinar as mulheres com quem o rei se casava. Apontamos, em outro momento, que discordamos dessa dissonância entre as personagens, pois acreditamos que Sherazade é caracterizada como escrava, ainda que seja escrava de suas próprias convicções morais. A personagem toma para si um encargo que não é dela e está determinada a se tornar o meio de salvação de alguém, mas não dela mesma. Essa prisão compromete boa parte da vida de Sherazade e de sua irmã (e depois de seu filho), a fim de fazer com que a história continuasse noite após noite, entretendo e distraindo o rei. Sherazade escolhe, portanto, aprisionar-se para libertar o outro e, mais tarde, também se liberta da angústia de saber ou não se vai sobreviver a mais uma noite. Teodora e Simpatía, em contrapartida, estão aprisionadas por ser esse o destino de cada uma, mas encontram a liberdade graças à inteligência e à sabedoria.

Bettelheim (2009, p. 127), em seu texto *A história que serve de moldura*, faz reflexões sobre os protagonistas de *As mil e uma noites* e essas reflexões tocam as três personagens que analisamos. Sherazade representa, para o autor, o ego, e isso é perceptível quando obtemos a informação de que ela tem conhecimento da ciência, da medicina, das crônicas de povos antigos, bem como de todas as outras áreas do saber. Esses atributos estariam, portanto, relacionados ao ego (2009, p. 129). O ego da personagem, segundo Bettelheim, está intimamente ligado ao superego e totalmente separado do id, e isso fica comprovado quando ela decide arriscar a própria vida para tentar salvar a do rei. Não há, portanto, nenhum espaço para atos egoístas, Sherazade pensa apenas no rei e nas outras mulheres. Teodora e Simpatía também arriscam suas vidas para salvar seus senhores, não cometem atos egoístas e, mesmo após encantar o rei e o califa, decidem voltar para seus antigos mestres: obediência? fidelidade? servidão? submissão?

Teodora, Sherazade e Simpatía são personagens que servem de moldura para propor uma reflexão sobre as transgressividades femininas e seus limites. A transgressividade também está na liberdade de escolher seguir as próprias convicções morais, salvar o outro e aprisionar a si. Há um deslocamento dessa mulher de um lugar onde não tem voz, para outro que lhe dá direito à voz e escolhas. Entendemos que esses limites são imprecisos, mas o importante é

perceber que a transgressividade feminina também está no simples ato de poder escolher sozinha o que lhe convém – mas até que ponto essa escolha é influenciada pelo meio? Essas personagens que servem de moldura dão ensejo para que outras personagens, com características transgressivas, apareçam na literatura e nos façam refletir sobre os papéis que o ser feminino exerce na sociedade e sobre os papéis que o ser feminino é obrigado a aceitar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com isso, percebemos que a identidade feminina representada pelas personagens Teodora, Sherazade e Simpatía contém traços transgressivos, que fogem às regras e ao que é esperado e ditado por uma sociedade patriarcal. A transgressividade possui seus desdobramentos, bem como possui seus limites, mas ainda assim é possível entender que características que exaltem a inteligência de uma mulher não são comumente utilizadas na literatura. A mulher costuma ser tratada como vulgar, atrevida, dissimulada, mentirosa, infiel, mas raramente seu intelecto é considerado como relevante.

Buscamos identificar as características femininas nas personagens: transgressivas ou tradicionais, Inanna/Ishtar e Lilith ou Eva. Chegamos à conclusão que elas apresentam características de ambos os lados, ao tempo que possuem voz e poder de decisão, também estão em alguma situação que as deixa submissas, seja em uma prisão no sentido físico (escravidão) ou no sentido emocional. De qualquer forma, elas acabam lutando pelo outro e buscando algum tipo de salvação para esse outro, mas também se salvam, ainda que esse não seja o objetivo.

Ressaltamos, por fim, que os traços transgressivos e tradicionais parecem ser sempre os mesmos nas narrativas, pois Teodora, Sherazade e Simpatía conseguem se libertar por meio da linguagem e da sabedoria. Personagens sábias que utilizam a sabedoria de forma aberta e sem muitas complicações deixam transparecer a transgressividade que abordamos durante esse estudo. Teodora, Sherazade e Simpatía são personagens fortes que exercitam o seu intelecto para se manterem vivas e manter acesa a chama das suas naturezas selvagens.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Leandro Gomes de. **História da Donzela Teodora**. [S. l.: s. n.], [19--]. 32 p. Disponível em: <http://cordel.edel.univ-poitiers.fr/viewer/show/107#page/n0/mode/1up>. Acesso em: 06 fev. 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 2. ed. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960, v. 2.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. 6. ed. Tradução Arlene Caetano. São Paulo: Paz & Terra, 2009.

BUTLER, Judith. Gender is Burning: Questions of Appropriation and Subversion. *In*: BUTLER, Judith. **Bodies that matter: On the discursive limits of “sex”**. Abingdon e New York: Routledge, 2011. p. 81-97.

DUPLA, Simone Aparecida. Os domínios de Inanna: Permanências de um culto ao sagrado feminino na mesopotâmia. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 57, p. 193-212, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/30560>. Acesso em: 17 mai. 2021.

DUPLA, Simone Aparecida. Quando o deus da guerra era uma mulher: Inanna/Ishtar a deusa guerreira da Antiga Mesopotâmia. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 192, p. 109-118, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/33106/19151>. Acesso em: 17 mai. 2021.

EL libro de las mil noches y una noche – Tomo Séptimo. Valencia: Editorial Prometeo, 1916. Disponível em: <https://bivaldi.gva.es/es/consulta/registro.cmd?id=2750>. Acesso em: 20 fev. 2021. p. 219-252.

EL libro de las mil noches y una noche – Tomo Octavo. Valencia: Editorial Prometeo, 1916. Disponível em: <https://bivaldi.gva.es/es/consulta/registro.cmd?id=2750>. Acesso em: 19 mai. 2021. p. 9-32.

FARIA, Lia. **Ideologia e utopia nos anos 60: um olhar feminino**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997. 176 p.

FRANZ, Marie-Louise Von. **O feminino nos contos de fada**. Tradução Regina Grisse de Agostino. Petrópolis: Vozes, 1995.

GARCIA, Tania Azevedo. A condição da mulher no Oriente Médio: o que tem isso a ver conosco? **Diário do Comércio**, Belo Horizonte: 03 mar. 2020. Disponível em: <https://diariodocomercio.com.br/livre/a-condicao-da-mulher-no-oriente-medio-o-que-tem-isso-a-ver-conosco/>. Acesso em: 11 mar. 2020.

KAUSS, Vera Lúcia Teixeira; BELCHIOR, Roberta Oliveira. Diana caçadora: o ato de transgredir na construção do sujeito feminino pós-moderno. **Revista Ártemis**, Paraíba, v. XV, n. 1, p. 111-122, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/16642/9499>. Acesso em: 31 jan. 2021.

KOLTUV, Barbara Black. **O Livro de Lilith**. São Paulo: Editora Cultrix, 1997. 153p.

LIVRO das mil e uma noites – Volume I: ramo sírio. Tradução de Mamede Mustafa Jarouche. 3. ed. São Paulo: Globo, 2006a.

LIVRO das mil e uma noites – Volume II: ramo sírio. Tradução de Mamede Mustafa Jarouche. 2. ed. São Paulo: Globo, 2006b.

WOLKSTEIN, Diane; KRAMER, Samuel Noah. **Inanna: queen of Heaven and Earth - Her Stories and Hymns from Sumer**. New York: Harper & Row, 1983, 227p.

*Recebido em: 23/08/2021*

*Aprovado em: 10/01/2022*

*Publicado em: 29/04/2022*